O dia seguinte

Os riscos de escalada são reais e a intervenção dos Estados Unidos pode transformar a Guerra entre o Irão e Israel numa guerra geral no Médio Oriente.

Carlos Gaspar | *Público* | 22 de Junho de 2025

Na sequência da campanha aérea de Israel contra o Irão, os Estados Unidos decidiram intervir e bombardear as instalações nucleares em Fordow, Natanz e Isfahan, numa acção preventiva com o objectivo declarado de pôr fim ao programa nuclear militar iraniano e impedir que a teocracia xiita pudesse vir a ter armas nucleares.

A decisão norte-americana não tem precedentes. Desde logo, com excepção de Israel, que destruiu o reactor nuclear do Iraque em Osirak, em 1981, nenhum Estado tentou pôr fim a um programa nuclear militar pela força. Pelo contrário, os Estados Unidos conseguiram pela diplomacia que a Ucrânia, a África do Sul ou o Brasil renunciassem às suas capacidades nucleares, ou desistissem dos seus projectos de adquirir armas nucleares. Por outro lado, quando não foi possível travar esses processos, como nos casos da República Popular da China e da Coreia do Norte, os Estados Unidos decidiram não atacar preventivamente as instalações nucleares chinesas e norte-coreanas e aceitaram a nuclearização dos dois Estados como um facto consumado. Por último, os Estados Unidos nunca quiseram intervir militarmente ao lado de Israel, mesmo quando estava em causa a sobrevivência do seu aliado, como na Guerra do Yom Kippur, em 1973, e até à data Israel sempre quis demonstrar ser capaz de defender a sua soberania contando com as suas próprias forças.

Tudo mudou no passado dia 21 de Junho. Quando Israel atacou o Irão, no dia seguinte ao fim do prazo imposto pelos Estados Unidos para a conclusão de um acordo sobre o programa nuclear iraniano, Washington declarou que se tratava de uma "decisão unilateral" do seu aliado. Na véspera do ataque norte-americano, o Presidente dos Estados Unidos tinha declarado que se dava a si próprio duas semanas para decidir sobre uma intervenção das forças norte-americanas, nomeadamente dos bombardeiros B-2, os únicos com capacidade para lançar as bombas convencionais com capacidade para penetrar a fortaleza de Fordo, invulnerável aos bombardeamentos israelitas.

O cálculo dos responsáveis norte-americanos presume que não vai haver uma retaliação. O Irão pode visar as forças norte-americanas concentradas no Golfo Pérsico; os seus aliados árabes mais vulneráveis na região; as linhas de comunicação relevantes para os fluxos energéticos, como o Estreito de Ormuz; e pode lançar acções terroristas contra alvos nos Estados Unidos. Os cenários de escalada são múltiplos e o Irão, a principal potência islâmica no Médio Oriente, tem capacidade militar efectiva para retaliar contra os Estados Unidos e os seus aliados

e tem preparados os planos de contingência para responder ao ataque norte-americano.

Não obstante, a escalada pode ter um custo demasiado elevado. O Irão está perante uma escolha impossível - a capitulação ou o suicídio. Com efeito, a ameaça de os Estados Unidos voltarem a atacar o Irão se as forças iranianas retaliarem tem toda a credibilidade. Se o Presidente dos Estados Unidos não respondesse a um ataque contra forças norte-americanas perdia o seu mandato, e se não defendesse os seus aliados punha em causa a credibilidade da principal potência internacional. Nos planos de contingência norte-americanos, está prevista não só uma campanha aérea paralisante - a concentração de meios nos últimos dias confirma essa capacidade imediata - mas também a invasão do Irão por forças terrestres norte-americanas, sobretudo se a retaliação iraniana provocasse baixas norte-americanas significativas.

Os riscos de escalada são reais e a intervenção dos Estados Unidos pode transformar a guerra entre o Irão e Israel numa guerra geral no Médio Oriente - uma nova guerra no ciclo que começou com a invasão da Ucrânia pela Rússia em Fevereiro de 2022. É improvável uma intervenção da Rússia ao lado do seu principal aliado regional, embora o Irão tenha apoiado o esforço de guerra do seu principal aliado externo nos últimos anos. A China não é uma potência regional no Médio Oriente. Isolado, o regime iraniano não tem capacidade para resistir a uma ofensiva da principal potência internacional, que pode mobilizar os seus aliados árabes.

O sucesso da intervenção dos Estados Unidos, tal como a vitória de Israel na guerra contra o seu inimigo mortal, depende da capitulação do Irão. Nas condições presentes, a capitulação significa uma derrota definitiva na guerra que o regime revolucionário iraniano iniciou com o massacre do Hamas no dia 7 de Outubro de 2023. A Guerra entre o Irão e Israel levou à neutralização do Hamas, nos territórios palestinianos; do Hezbollah, no Líbano; e à queda do regime de Bachar al-Assad na Síria, o principal aliado regional da grande potência xiita. A revelação da vulnerabilidade do Irão aos bombardeamentos israelitas e a destruição do seu programa nuclear militar completam esse ciclo de derrotas que comprometem todas as dimensões críticas da grande estratégia do regime revolucionário do Irão.

É improvável que o regime teocrático possa sobreviver à derrota. Desde 1917, a regra na política internacional é que os regimes políticos, em todo o caso os regimes autoritários, não sobrevivem à sua derrota numa guerra. Se essa regra continuar a ser válida, é possível evitar a escalada e começar a reconstrução do Irão pós-revolucionário, no dia seguinte à capitulação.

https://www.publico.pt/2025/06/22/opiniao/opiniao/dia-seguinte-2137482